

A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I.

SANTA CATARINA—DESTERRO—DOMINGO 12 DE JULHO DE 1885

NUMERO 7

Expediente

Por cinquenta publica-se este jornal aos domingos.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre. 3\$000

PELO CORREIO

Semestre. 4\$000

Numero avulso 40 reis

Pagamento adiantado.

Os autographos que nos fôrrem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas deste jornal, será feita por preço muito favoravel.

E' impresso este jornal na typographia do J. J. Lopes, a rua da Trindade n. 2, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 12 de Julho de 1885.

Dos homens de posição mais elevada, que estão á frente dos negocios do paiz, em geral, desde o monarcha e os ministros até ao mais inferior dos delegados destes, é que devia partir o bom exemplo: — terem sempre

em vista o mais sagrado dos propósitos o engrandecimento da Pátria e o desenvolvimento intellectual do povo.

Fosse esta a sua norma de conduta e nós mesmo seríamos monarchistas.

Essas virtudes civicas, esse dever, essa norma, esse exemplo, essa attitudé gigante, são máximas desenhadas pela coroa, que quer a todo o transe garantir-se pelos ministros que envergam a toga perjuriosa e agitada com o unico fim de adquirir furtivas e elevadas posições e pelos outros, os seus delegados, que visam exclusivamente collocar-se nas posições dos seus chefes, esquecendo-se tanto aquelles como estes de olharem piedosa e compassivamente para a miséria do povo e para o triste e lamentavel estado de decadencia em que se acha o paiz.

E poderá este progredir diante do procedimento abominavel desses homens?

Não.

Com tal systema abominavel do governo, poderá o povo alcançar o desenvolvimento que lhe é indispensavel para conseguir meios suaves de subsistencia e a instrucção sufficiente para equiparar-se aos povos que a historia aponta como os mais civilizados?

Não, mil vezes não.

Eis porque somos republicanos: eis porque entendemos que cada cidadão que tiver o bom da patria e o seu proprio bem, a sua religião sagrada, deve acompanhar-nos nesta luta que encetamos contra esse systema de governar, cujos homens que o adoptam e executam nada mais fazem do que explorar os nossos interesses, em beneficio proprio.

E quando estiver bem arraigada no cerebro de cada brasileiro a convicção inabalavel de que não deve seguir outras idéas, outras doutrinas, outra politica e outros principios que não sejam os nossos, o paiz salvar-se-ha da desastrosa queda de que está ameaçado e caminhará a passos agigantados pela estrada do progresso, em busca do

desenvolvimento que precisa para completa felicidade de seus povos.

Das duas uma: — ou o nosso organo nada vale e nada influe nos animas dos chefes e sub-chefes que adoptam a politica que sustenta a monarchia, porque estejam persuadidos de que com a nossa inábil penna não possamos destruir o castello de suas facanhas, ou tem algum valor e influe por isso no seu espirito a idea de que podemos ser no futuro um obstaculo á realisacão de seus malevolos intentos.

No primeiro caso o seu erro é manifesto, porque, com quanto não sejam os uma illustração ou uma redacção que disponha das mais habéis pennas, ao menos resta-nos a consciencia de irmos instruindo o povo, que nos faz, em parte, a honra de acreditar o que escrevemos, para prepará-lo e habilitá-lo a ajudar-nos a conseguir a destruição desse castello, que julgam solidamente construido; no segundo, que é o peor, não se enganam totalmente porque, instruido o povo convenientemente, este não se prestará como até hoje a apoiar inconscientemente os desmandos e descalabros que até agora applaudia por espirito politico, muitas vezes em prejuizo proprio e em proveito d'allos exclusivamente.

Seja, portanto, como for, de por si mesmo, resulte o que resultar, embora tentem amedrontar-nos com o emprego das armas e da força da coroa para nos afastarem da senda luminosa a que nos propuzemos, caminharremos impavidos, affeitos e tranquilos, até que consigamos a gloria victoriosa do combate medonho, no intuito de salvarmos a provincia e o paiz do abysmo em que os intentam precipitar os corruptos e corruptores da politica monarchica.

A opposição que nos fazem hypocrita e traçogirante, ás occultas, os que vivem á sombra da monarchia, especulando com o

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

A SEXTA

(CONTOS)

AS MÃS LINGUAS

1

Estubindo outra vez para o trem, partia a troto largo.

Jeronymo ficou por um momento sem dar accordo do si depois, passando a mão pela testa, como que para abatear uma idea sinistra, abriu a porta com estrondo, e deu-tou a correr como um leão.

Mestre Ignacio estregou as mãos de contentamento, e gargantando um estribilho favorito, dirigiu-se a casa da tia Perpetua.

II

Eram nove horas da manhã de um formoso domingo de verão. Em casa do mestre Raymundo ia grande bullicio, com os preparativos e accões necessarias á festa que devia de ter lugar nesse dia, para solemnizar, com um jantar de familia, a apresentação reciproca de Jeronymo e Alberto, que pela primeira vez iam achar-se reunidos.

Maria andava n'uma lida continua, ora limpando o pó das mesas e cadeiras, ora pondo em ordem os pratos, copos e garrafas que deviam figurar no modesto banquete.

Estava formosissima a gentil rapariga, vestida com simplicidade, porém elegante e despretenciosa. Maria fascinava pelo airoso das formas e pela expressão miúda e suave do seu rosto levemente colorido pelo excesso do lidar.

O pai mirava-a desvanecido, contemplando com indistinctos delicias aquella seductora creatura, em quem depositara todos os affeitos da sua alma, e lá a vigiava da sua existencia, todos os elementos que o preenchiam ainda á vida.

Maria, depois de se haver certificado de que nada faltava para a boa ordem da sua pequena festa, viera sentar-se ao lado do pai, erguendo-se porém repetidas vezes para chegar á janella.

Raymundo, abalvando á impaciencia da filha, dizia-lhe em tom de zombaria:

— Ora vantas, continua, não te impacientes, que elles hão de chegar. O sr. Alberto não é capaz de faltar á sua palavra, e lá pelo Jeronymo fico eu, os namorados são sempre pantufos como um relógio.

Bateram finalmente á porta, e Maria correu apressada a abrir.

Era Alberto que, em cumprimento da pro-

messagem que fizera a Maria, vinha passar o dia a casa do Raymundo.

Apenas entrou, o moço brasileiro exclamou com ar alegre e folgazão:

— Bem ves que não faltei á minha palavra, minha Marquilhaes, e confesso que estou ansioso por ver o teu noivo, ainda que, perante-me a franqueza, tenho realmente inveja da sua felicidade.

— O Jeronymo não tarda, acudia o velho artista, e verá o sr. Alberto que o rapaz não deixa nada a desejar; aquillo é trigo sem joio, por isso também lhe dá a minha Maria com toda a sua grana.

— Mas o pai não acha que elle se dá muita perseguição aquella com alguma inquietude?

— Talvez tivesse alguma obra para acabar hoje na fabrica. Nos ex os operarios, temos que fazer vontades, para alcançar trabalho certo. Olha, Maria, offereço uma cadeira a este senhor, que ainda está de pé.

Estou muito bem, meus amigos, e pozco-as que não usen carece-nos comigo, alias privam-me do prazer de os visitar a mimado, respondeu Alberto.

Maria voltara para a janella inquieta pela ausencia de Jeronymo, que há muito devia de ter chegado. Um vago pressentimento como que lhe enlucava o coração e fizera empallidecer o seu rosto até alli radiante de alegria.

bem do povo e da Patria, prova o elle mortal que nos votam, movidos pelo despeito de não poderem d'ora, avante levar a effeito os seus premeditados e malvocos intentos.

Mas tudo isso, heles, e natural.

O que não e natural e plausivel e vamos de um lado, uns, a prevenirem muito particular e reservadamente, os co-religionarios de sua politica monarchica, ja se sabe contra nos, isto e, contra nossas ideas, com receio de que estas influam no espirito dellas, e os facia acreditar na adephabilidade dellas, a ponto de as commutarem outros, adversarios daquelles, com os mesmos principios e fins, tambem por outro lado intentam fazer convencer as suas gentes de que como reacendarios, vis, especuladores e revolucionarios e de que não ha politica mais conveniente e adaptavel do que a que ha professado até ao presente, ou sustento da monarchia!

Quanta haixeza! quanta miseria! quanto enxada!

E em quanto elles representam destas forças repugnantes, o povo, alludido sempre, gem a mimica de censuras, e o paiz, acalibrado e individado, prestes a precipitar-se no mais profundo dos abysmos!

Oh! mas o povo que já os conhece, porque nos os desvendamos, que não se deixa mais illudir por falsas promessas, que sabe o quanto tem sido enganado pelas chufas dos partidos, que por conveniencia propria toleram a monarchia no paiz, que na hora do, tendo-se prestado a satisfazer as paixões e caprichos partidarios, tem sido victima das suas proprias chufas e muito mais da politica adversa, que vê a patria agonizante a pedir-lhe auxilio para evitar-lhe a queda nesse abysmo misandavel, onde intentam precipital-a os homens do actual systema de governo, bem sabe, bem conhece, que o nosso intento e puro e que o nosso fim e evitar que continue este estado lamentavel, em que se acha o paiz, trabalhando laboriosamente pelo seu proprio resso, evitando-lhe o perigo de que esta amacado.

Auxilio-nos, pois, o povo, acompanhando-nos nessa luta que, comprehendemos, e dentro em breve a victoria, será infallivel.

Homenagei a França.

O 14 DE JULHO

Não e hoje o dia proprio para nos occuparmos dos assumptos que fizeram rair a ancora fagueira da liberdade para o povo francez, ora depois d'amanhi, 14 de mez que decorre, mas, sendo-nos demasiadamente difficilissimo e quasi impossivel dar nesse dia um numero especial, extraordinario, como pretendiamos, por deferencia a França, onde buscamos em grande parte tantos exemplos que nos educam e instruem, resolvemos, para satisfazer o nosso desejo, occupar-nos anticipadamente d'esses assumptos que trouxeram-lhe o progresso e a liberdade amana e a civilização do seus povos.

E, se bem que dos seus acontecimentos, gloriosamente memoravos, nos occupemos vagar e ligeiramente, damos assim uma prova de consideração murecida que votamos a essa grande Nação Republicana — colosso da civilização e virilidade — e a seus filios residentes nesta provincia.

Cumprimos, em todo o caso, o nosso dever.

O quatorze de Julho é o dia que o povo francez festeja com mais entusiasmo, com mais alegria e com o coração a regorgitar de orgulho, de ufania e de santimentos patrioticos e gloriosos, desde 1789.

Quasi um século de fagueira liberdade!

E quando chegara o dia em que para o povo Brazileiro caia a doce e meiga liberdade que aquelle e dado gozar ha tantos annos?!

Oh! mas para adquirila e gozala, que não seja preciso empregar a coragem austera da força dos homens contra os homens communs!...

Desoverer finalmente os acontecimentos do 14 de Julho de 1789, que tiveram lugar em França, e um dos maiores regosios para o povo francez.

E como não ser assim, si — Elle — ate essa data gloriosa, estava cansado de supporiar os pesados grilhões do ferreo jugo da coacção e da oppressão do feudalismo e da monarchia pernicioso e corrompida, cuja hereditariiedade absoluta conseguio extinguir!...

A tomada da Bastilha não foi somente a conspiração d'um povo de heróicos, de Bravos, contra a grandiosa baloia da aristocracia feudal e da monarchia desleal, corrupta e oppressora — foi tambem uma victima que se revoltou contra esses algozes que a torturaram e que a iam lentamente matando a fome!...

El justo, portanto, o regosio de que se possui o povo francez no dia 14 de Julho, do qual compartilhamos indirectamente.

Viva, pois, a liberdade, a igualdade e a Fraternidade!

NOTICIARIO

RECTIFICAÇÃO

Na noticia que demos no nosso numero passado, sob a epygraphie S. Francisco, na quarta pagina, columna 1.ª, linhas 14 e 15, onde se lê: que no dia do seu fallecimento, de noite, um seu irmão, etc., — lê-se: que depois do dia do seu fallecimento, de noite, um seu irmão, etc.

FOMOS OBSEQUIADO...

com a Matraca e o Moleque, jornaes illustrados, bem desenhados e escriptos, primando sempre pelo espirito de seus caricaturistas e redactores, muito principalmente na parte que nos disse respeito. Agradecido, collegas, e continem, que vão bem.

O nosso collega do Commercio tem-nos honrado com sua folha, sempre seria, sempre bem correcta e sempre neutra nas questões da politica. Obrigado.

Tambem somos grato e penhorado ao collega redactor d'A Lucta, por mandar-nos visitar por esta, sempre que a da luz da publicidade. Este collega tem uma veia humoristica, momentaneamente se occupa de nós, rapaz de fazer rir um defunto.... Desejamos-lhe venturosa prosperidade e longa vida.

Tambem temos recebido varias visitas do Estudante, jornal semannario, propriedade e redacção d'uma associação constituida por bem instruidos e intelligentes jovens catharinenses. E bem elaborado, e, por isso, os seus juvenis collaboradores muito promettem a litteratura patria.

Continuem e a gloria os espera.

Os nossos collegas Conservador e Regeneração e que não nos acham digno da sua visita!

Fojem de nós, como o diabo da cruz!

Só os vemos quando os compramos por 10 réis!

Mas afinal elles têm razão, porque ao ad-

versario, segundo as suas maximas, não se dá nem um copo d'agua!

Diz-se por ahi!...

que os nossos representantes na camara dos-deputados, Mafra e Schutel, por tanto discutirem os interesses desta provincia, acham-se gravemente affectados dos pulmões e atacados d'uma forte laryngite....

... que os mesmos desafiam para um duello o deputado paulista Rodrigo da Silva, por ter este mettido o nariz na panela da E. F. Pedro L....

... que serão padrinhos do duello, por parto dellos, os Srs. Taunay e J. C. de Carvalho....

... que o collega do Commercio, perdendo as publicações do futuro expediente da secretaria da presidencia, incorreu na sympathia do publico por não ter querido subjeitar-se a clausula que obriga o contratante a não inserir publicações contra os actos dos poderes legisladores, judicarios e administrativos....

... que essa clausula é absurda e escandalosa, porque, se os homens no exercicio dos cargos publicos tiverem a consciencia tranquilla de haverem procedido nos seus actos com rectidão e neutralidade, não devem temer que a imprensa seria os caluniar, porque ella não faz injustiças á justiça....

... que o presidente da provincia não devia, segundo as boas intenções e doutrinas, approvar outro contracto da publicação desse expediente que não fosse o do collega do Jornal do Commercio, por offerecer elle a provincia uma economia de 202000 meusões....

... que não o fazendo, devido a não querer o collega subjeitar-se ás condições da referida e asquerosa clausula, o Dr. Palmeiro prova que aprecia mais os principios da coacção e da oppressão do que os da igualdade, liberdade e Fraternidade, como no tempo em que S. Ex., da mesma forma que o Dr. Almeida Oliveira, tinha sonhos da mocidade....

... que não ha razão para censurar o Dr. Palmeiro por ter dado preferencia á Regeneração, porque S. Ex. não teve em vista outro fim que não fosse o de demonstrar a seu editor o proprietario o interesse que toma pelo bem estar dos co-religionarios....

... que no fim de contas, em ajuste das ditas e em resumo da questão, quem leva logro o fica prejudicado e o Zé povinho, dotado de boa indole, que se calla a tudo e consente que lhe imprimam gato por lebre....

... que o Conservador grita com toda a força de seus pulmões contra a Regeneração, por esta defender os interesses pessoais do seu partido....

... que se aquelle estivesse no caso desta faria a mesma coisa, por desgraça do povo e do paiz que por infelicidade não entendem destas tramotas politicas....

... e que no meio dessa balburdia, desse embroglio, dessas questões, todas proprias da politica taeanica que degrada os povos, o paiz abate-se ao peso da degradante direcção que dão aos seus negocios....

... que o Dr. Palma occupou o campo quasi todo do se doel provinc

... que o mesmo se... caso o presidente lavrasse e sustentasse o acto pelo qual o demittia do cargo de delegado da instrucção primaria e secundaria....

... que uma vez que o presidente reflectio sobre esse acto injusto que demittia o Dr. Bayma, e o declarou sem effeito, fez justiça a este e deu-lhe uma satisfação formal. ...

... que em todo o caso o presidente devia reflectir sobre o caso antes de lavar essa demissão... e... ponto final por hoje.

CATECHISMO REPUBLICANO

(Continuação)

LIÇÃO III

LEI EVOLUTIVA DO ESTADO

Qual a lei evolutiva do Estado?

O Estado é um organismo, que cresce e desenvolve-se como qualquer outro, e que, portanto, está também subordinado a uma lei, que se formula assim: — a *consciência do Estado passa, em sua evolução, por tres phases perfeitamente indistinctas; a principio ella é instinctiva, depois completa e finalmente reflecta*. Cada uma destas phases tem seus característicos particulares.

Quaes são ellas?

Na sua primeira phase o poder governamental apparece como uma *força estranha e sobrenatural*, que vai buscar a sua origem em outro poder superior, o *divino* e que é apenas sentida instinctivamente. Na segunda, apparece como uma *força natural*, que tem a sua origem na propria sociedade, mas que se torna o *património* de certos individuos ou de certas classes privilegiadas. Na terceira, finalmente, apparece como uma *força exclusivamente social*, que tira a sua origem da *soberania nacional*, e que se constitue uma função limitada dessa mesma soberania. E o proprio Estado, que, na qualidade de instituição politica, de sobrenatural que era, passa a adquirir uma natureza positivamente social, a medida que a evolução humana caminha e que a interpretação dos phenomenos em geral se torna mais scientifica e positiva.

A cada uma dessas phases deve, pois, corresponder um *regimen politico*. Quaes são elles?

Na primeira é o *regimen theocratico* que prevalece e que se manifesta pelo predomínio exclusivo das classes sacerdotaes; na segunda, é o *regimen aristocratico*, em que predomina, primeiro a classe militar, depois a dos nobres e finalmente a das familias dynasticas; na terceira, é o *regimen democratico*, que se firma pela eliminação de todas as castas e de todos os privilegios anti-sociaes, e que se distingue de todos os outros pela inteira egualdade civil e politica dos cidadãos.

Em que se funda essa classificação?

Na propria lei do desenvolvimento historico das instituições humanas.

Quaes são os typos historicos do regimen theocratico?

Os mais notaveis são as antigas theocracias dos egypcios e dos judeos, regimen politico em que o governo ainda se faz em nome de um poder sobrenatural e divino, e cujos principaes característicos são: confusão completa do poder espiritual com o temporal; subordinação a autoridade absoluta de um chefe, orgão da vontade divina; immutabilidade das condições sociais, por meio de uma legislação revelada; e supremacia completa da classe clerical; unico instrumento da educação publica. Verifica-se nestas theocracias que o Estado apparece tão somente para satisfazer uma necessidade, que é apenas sentida *instinctivamente*, mas que ainda não é bem percebida pelos diversos individuos do agrupamento social.

Como se opera a transição deste regimen para o da aristocracia?

Pela influencia que vai pouco a pouco ad-

quirindo a classe militar, com as guerras successivamente emprendidas pelas diversas tribus, até se constituirem as primeiras nacionalidades, e pela continuação dessa mesma influencia, fortalecida ainda mais pelo espirito de conquista, até passar-se do sacerdocio para a classe militar, toda a preponderancia que antes tinha, no governo das sociedades. Os governos da Grecia e de Roma são exemplos bem significativos desta primeira phase do regimen aristocratico que se caracteriza pelo apparecimento do suffragio, como um direito do cidadão, pela investidura da autoridade na pessoa dos generaes e pela criação de uma camara legislativa privilegiada. Na segunda phase, essa mesma preponderancia, passa para a nobreza, que a exerce sem limites, sobretudo nos seculos IX, X e XI, em que floresce o feudalismo; e na terceira, finalmente, que começa com a formação das novas nacionalidades, na idade media, firma-se a preponderancia da realza, que chega ao seu apogeo no seculo XVII.

Quaes são os característicos deste regimen?

Observa-se neste regimen que a legislação já não é mais revelada por um poder sobrenatural, mas o producto da actividade do proprio povo ou de seus legitimos representantes, reunidos em assembleas regulares; o Estado como que se humanisa, tirando a sua origem da propria sociedade, no seio da qual apparece, mas o povo ainda não tem a consciencia perfeita desse grande organismo; apparecem as communas; estabelecem-se os estados geraes; organisam-se os parlamentos nacionaes e começa o aniquilamento da autoridade real, com a introdução dos pactos constitucionaes. E' um regimen de pura transição, em que a consciencia do Estado se apercebe, ao mesmo tempo que se opera uma profunda elaboração social e politica, que prepara o advento da democracia, pela extinção de todos os privilegios anti-sociaes.

Qual é, então, historicamente, o regimen que succede a este?

O regimen da democracia. Aqui desaparecem as castas, a soberania nacional torna-se a unica fonte do poder, o suffragio se generalisa, a federação se estabelece, as autoridades publicas tornam-se electivas e responsaveis, o poder governamental apparece limitado ás suas verdadeiras e legitimas funções. E' o governo do povo, pelo povo e para o povo, que foi iniciado pela revolução franceza e que se consubstancia desde já, si bem que de um modo imperfecto, nas diversas republicas actualmente existentes. Neste regimen, que tendo a tornar-se universal em muito pouco tempo, como nos faz sentir a moderna orientação politica dos povos cultos, a consciencia do Estado é perfeita e reflecta, pelo justo conhecimento que se tem de semelhante instituição.

ALBERTO SALLES.

(Continua.)

Camara dos deputados

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1885.

O Sr. CAMPOS SALLES (continuando): — Por muito tempo, Sr. presidente, os dous partidos monarchicos se differenciaram inscrevendo em suas respectivas bandeiras as seguintes palavras: — *progresso ou ordem* — *liberdade ou liberdade*. Mais tarde, reconhecendo que as idéas que exprimiam estas palavras não eram idéas oppostas, mas que, ao contrario, ellas exprimiam principios que se harmonizavam, visto como não pôde haver progresso sem ordem, assim como não pôde haver liberdade sem autoridade, elles chegaram, segundo parece, a um accordo sobre este ponto: ambas as partes querem a ordem.

O Sr. RATISSONA: — E Deus nos livre do

contrario! A propria republica não viveria sem ordem.

O Sr. CAMPOS SALLES: — E' o que acabo de dizer.

Resta, portanto, saber qual dos dous partidos é o que quer o progresso, qual delles é o que quer a liberdade.

O Sr. RATISSONA: — Eu faço esta justiça aos conservadores: o partido conservador também quer o progresso.

O Sr. CAMPOS SALLES: — Isso veremos logo; mostrarei que nenhum delles quer o progresso.

Os publicistas, reconhecendo que a sociedade moderna a ha-se virtutemente collocada em um periodo de transição, porque tudo cede ao impulso da corrente das idéas democraticas, tem adoptado um distinctivo mais energico, assignalando a existencia de duas unicas politicas — a politica da concessão e a politica da resistencia; a politica que segue, acompanha a corrente das idéas, e a politica que se oppõe, resiste a essa corrente.

Abandonando, por minha vez, os velhos característicos e prevalecendo-me destes, porque são os mais frisantes, eu perguntarei: entre os dous partidos monarchicos, qual delles representa a concessão? qual delles representa a resistencia?

Para saber-o, Sr. presidente, seria indispensavel que cada um dellos tivesse uma bandeira politica, um corpo de doutrinas, um plano de reformas; enfim, que uma linha existisse entre ambos, uma linha bem saliente, bem visivel, separando-os em dous campos oppostos. Mas eu não vejo senão a confusão, não vejo senão a perturbação dos limites.

Sr. presidente, este estado de confusão, este estado de perturbação tem sido confessado pelos proprios chefes de ambos os partidos monarchicos. Querendo deixar de lado a minha opinião individual para acolher-me a sombra dessas autoridades, vou citar algumas dessas opiniões.

O Sr. Paulino de Souza, membro proeminente do illustre triumvirato que dirige o partido conservador, na sua circular politica de 1884, diz o seguinte (16):

« A singularidade de serem em nosso paiz os liberaes que te am a si a realização de idéas conservadoras, ao passo que os conservadores se têm, por seu turno, encarregado de mais de uma reforma liberal, colloca-nos por vezes, para não faltar a fé politica, em posições logicas, e certo, porém difficeis... me achei no embaraço de negar o apoio a amigos e de não poder combater a adversarios... Não se dando hoje notaveis divergencias de opiniões, são as mais das vezes interesses menos confessaveis que mantêm o encarnicamento das antigas lutas, sem as paixões varonis e sem os nobres incentivos daquellas épocas. »

A opinião, portanto, de um dos chefes legitimos do partido conservador confirma este estado de confusão, de perturbação e de anarchia de idéas entre os dous partidos monarchicos. (Não approvados da bancada conservadora.)

Por outro lado, o Sr. Martinho Campos, quando representava genuina e legitimamente o partido liberal, porque era presidente do conselho do gabinete de 21 de Janeiro, fez perante o parlamento esta declaração — que tinha sido vereador e juiz de paz da roça por mais de 20 annos; que achou falta de muita coisa, mas não de attribuições.

O Sr. RATISSONA: — E tinha razão.

O Sr. CAMPOS SALLES: — O mesmo quanto aos poderes provinciaes: — nunca achou falta nas attribuições das assembleas provinciaes; ao contrario, sempre as considerou baixissimas.

Um Sr. DEPUTADO: — O que havia era falta de dinheiro. (Apoiados, e outros apertes.)

O Sr. CAMPOS SALLES: — Foi por isto, Sr. presidente, que o paiz presenciou o facto excepcional de entrar um gabinete por esta camara, recebido entre os applausos de ambos os lados politicos.

Vozes: — Não houve applausos.

O Sr. Campos Salles. — Eu, uma época, como aquella, que deveria ser de profunda agitação politica, parquante ora se cria a primeira Câmara que se constitua depois da restauração liberal, reforma que, segundo a declaração dos nobres deputados que representavam o partido liberal, seria o inicio de todas as outras reformas do seu programma, em uma época como aquella, repito, que deveria ser de profunda agitação politica, vi-se entretanto que os dois partidos aqui se ligavam por um laço fraterno, como que se dando a pertença dos combates politicos. *(Aplausos.)*

Um o paiz esta, agora extremamente dividido. O Sr. Macário Campos, o falador de todos os tempos, o representante, segundo a crença da época, das ideas liberais, chegou aqui e ser recebido entre os applausos e beijos dos liberais e conservadores, precisamente porque trazia em funil a bandeira da reforma!

O Sr. Francisco dos Santos. — Porque é um homem de bem.

O Sr. Dionisio Vasconcellos. — Fallou a verdade. *(Protestos-se mustas apertes.)*

O Sr. Campos Salles. — Sr. presidente, lamento profundamente o estado de abatimento e prostração moral a que já chegou este paiz, ao ponto de se considerar como unica qualidade para o cidadão que deve dirigir os seus destinos, a de homem de bem.

O Sr. Ransoma. — Além dessa elle reúne outras. *(Ha outras apertes, o Sr. presidente reclama a attenção.)*

O Sr. Campos Salles. — A qualidade do homem de bem, Sr. presidente, vale muito, porque nas sociedades moralizadas vale muito a honra mas os homens publicos, os estadistas necessitam de outras qualidades além desta do homem de bem. *(Apoiados.)* Si esta bastasse, por honra nossa devemos contar que não faltariam estadistas no nosso paiz. *(Apoiados.)*

O Sr. Estado dos Santos. — Nas circumstancias do paiz, a vista do seu estado financeiro, essa era a primeira. *(Apoiados e outros apertes.)*

O Sr. Campos Salles. — Pois então o estado financeiro de um paiz obriga os seus estadistas e o parlamento a fechar as portas a todas as reformas sociais e politicas? Ao contrario, parece-me que quando as difficuldades se acumulam pela gravidade de uma crise, maior é a necessidade de uma observação profunda, de um ponto de vista mais amplo, mais geral, que possa abrange o estudo o o exame das causas, que em sua complexidade concorrem para o deparamento do organismo do corpo social. E' esse exactamente o momento das grandes reformas. Mas para uma obra tão grande, não basta para o estadista que tiver de realisar a simples qualidade de homem de bem. E' indispensavel que elle possua a estatura que a gravidade da situação exige. *(Apoiados, cruzam-se muitos apertes e o Sr. presidente pede attenção para o orador.)*

Voltei a fazer o assumpto, de que me occupava e do qual fui desviado pelos apertes.

A camera que se seguiu a reforma eleitoral, que devia votar todas as medidas comunitarias, para dar-lhe a liberdade politica, essa camera inutilizou-se, condemnou-se a morte, porque o presidente do conselho de gabinete de 21 de Janeiro veio declarar que o paiz não precisava de reformas e que, portanto, não havia S. Ex. um programma. E logo, o seu programma era simplesmente de administração. Foi por isso que o partido conservador o apoiou.

E' preciso que não esqueçamos os precedentes. Quando se tratava de fazer a reforma eleitoral, dizia-se que essa era a idea — mas, era o ponto de partida para todas as outras reformas, que era preciso reorganizar-se o paiz politica e socialmente e entretanto depois de ter levantado esta expectativa, depois de ter assim feito avultar a esperança do paiz, o primeiro governo que se organisa e que apresenta-se a primeira camera, a principante da eleição directa, diz

— não temos reformas, não temos necessidade de politica, este paiz está perfeitamente organizado, so temos necessidade de administração, de politica de homens de bem.

O Sr. Aguiar Pereira. — Elle, pedindo os orçamentos, a que era urgente, apresentou uma proposta de sessão, para em seguida tratar de reformas.

O Sr. Campos Salles. — Os nobres deputados têm a estafada do meu intuito e eu peço que me permitam voltar a tratar da materia de que me occupava.

Diante por tanto destes factos e destes testemunhos é incontestavel o estado de confusão e anarquia politica neste paiz. Entre os partidos monarchicos não ha linha divisoria, não ha principios, não ha plano de reformas collocando um em opposição a outro.

Sr. presidente, o grande publicista Lord Macaulay querendo pintar uma situação identica dos partidos do Inglaterra, serviu-se desta passagem do Inferno de Dante,

Travava-se uma luta estranha entre um ser de forma humana e uma serpente. Depois de um combate enarnicado, os contendores afastaram-se e ficaram por algum tempo a se observar, immoveis e ferozes. De repente uma grande nuvem os envolveu e então começou uma milagrosa metamorphose. Cada um dos dois se transformou na imagem do seu adversario. A cauda da serpente dividiu-se em duas pernas, as pernas do homem enlaçaram-se formando uma cauda. Seus braços sahiram do corpo da serpente, os braços do homem perderam-se em seu corpo.

A serpente levantou-se transformada em homem e começou a fallar, e o homem transformado em serpente calou e começou a silvar.

Eis, diz o publicista, o estado a que chegaram os partidos no reinado de Jorge I. Cada um transformou-se na imagem de seu adversario. O Tory fez-se reformador e o Whig fez-se conservador.

(Continua.)

LITTERATURA

Recordações

Eu tinha então vinte e tres annos, muita robustez e sobretudo uma vitalidade que todos com admiração invejavam.

Nos tráficos do mundo devasso, ignobil e illusorio, gastara-me pouco.

Concorrera para isso um certo fundo de phantasia que preoccupava minha imaginação, povoada pela imagem de um anjo que do Olympo baixou a terra para nella habitar e ser adorado.

E quando eu preparava-me para entrar nas dolorosas luctas da conquista do seu amor, quando o coração, em alvoroço, palpava pela adoração que eu tributava a — Ella —, foi que senti uma dor profunda, produzida pela phantasia que Ella me vibrava no pensamento seu esarmento desprezo.

Ella amava outro!

Ainda depois de perdidas as minhas esperanças, — Ella era o meu ideal, porque em sonhos suaves e amenos encontrava-o sempre nos jardins da minha phantasia a aspirar os perfumes das flores, e via-a, após curtos instantes, dirigir-se ao sanctuario da familia, onde chamava por mim para ouvir-lhe os cantos sublimes que attrahiam-me para — Ella!..

Mas... era sonho.

Vivem os passarinhos no ar, no espaço, no infinito ambiente, esmaltando a sua luda plumagem com as scintillações dos raios do sol, e dependuram seus ninhos, ora entre a florescencia das moitas fragrantas, ora na dependura dos abismos, regados pelas aguas crystalinas que escorregam das elevadas e florescentes montanhas.

E porque não havia eu de viver com — Ella — como vivem essas avesinhas?...

Oh! é que Deus não nos deu a existencia para nos unirmos.

M.

SECÇÃO GERAL

« De Minas partiu o grito de liberdade, e suas co-irmãs o acompanharam. »
ALVARENGA.

Hoje em dia a republica é o verdadeiro regimen do governo.

Podemos assim dizer, porque em quanto os Estados-Unidos, a França e muitas outras nações estavam sob o jugo monarchico, não prosperavam, mas desde o momento em que declararam-se Republicas, o vento da prosperidade soprou, animou-as, e eis por fim a altura a que chegaram! ao passo que o Brazil definhava e definhara sempre em quanto fomos governados por um monarchia, por este monarchia, principalmente, que desonhece as riquezas que superabundam neste vasto territorio; por este monarchia enfim que só quer o seu bem-estar, deixando o futuro da Patria ao Deus dar.

A Republica, como já disse, é o melhor regimen do governo, principalmente para o Brazil, porque enquanto este for governado por um monarchia como é Pedro 2.º, nunca poderá prosperar, nunca poderá levantar-se do abatimento em que jaz!

Não vamos ao contrario que Pedro 2.º não seja um monarcha assas intelligente, mas é inconveniente porque desconheceu a altura em que está collocado, deixando-se dominar, curvou-se mesmo a vontade de seus ministros, desses homens que só sabem dizer: « verbas secretas. Riquezas para nós e morte para a Patria! »

Que importam-se elles, o mesmo Pedro 2.º, que o Brazil morra?!

Sim, porque estes só querem nomes, riquezas e praticarem as vinganças mais baixas e mesquinhas; e aquelle só quer o seu bem-estar, a sua tranquillidade. E entretanto a Patria agonisa!

Os brasileiros não podem vêr-se no grande espelho dos Estados-Unidos?! nessa porção de terra que durante tantos annos esteve sob o jugo do monarchismo de Inglaterra?! até que um dia vero, em que os Americanos, já cansados de soffrer tantas oppresses, sacudiram de sobre si esse jugo e declararam-se republicanos!.. Hoje o que é os Estados-Unidos e o que é o Brazil?!

Os Estados-Unidos era uma colonia o hoje é uma grande nação republicana! E o Brazil, enquanto por paiz monarchico nunca chegará a altura dos Estados-Unidos!

Wilhelm Tell.